



ENSINO REMOTO EM 2020.1: RELATO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE COM A DISCIPLINA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DO CURSO DE ODONTOLOGIA EM UMA IES PRIVADA DE FORTALEZA

Raquel Figueiredo Barretto¹

Resumo

O ensino remoto empregado no primeiro semestre do ano de 2020 foi uma urgência. Com o semestre letivo já em curso, professores, alunos, instituições, tiveram, rapidamente, que se adaptar. Com base nesta realidade pedagógica, esta pesquisa teve como objetivo relatar a experiência docente com o ensino remoto. Esta pesquisa consiste no relato da experiência docente vivenciada na disciplina de ciências humanas e sociais, do curso de odontologia, de uma IES privada de Fortaleza. Avalia-se esta experiência como um dos maiores desafios pedagógicos já enfrentados. Acredita-se que a experiência produza bons frutos, não apenas para o semestre seguinte, como para toda a jornada acadêmica dos envolvidos.

Palavras Chave: Ensino remoto. Relato de Experiência. Ciências humanas e sociais.

INTRODUÇÃO

O Governo do Estado do Ceará emitiu decreto em 16 de março de 2020 obrigando que todas as IES de ensino, públicas ou privadas, suspendessem suas atividades presenciais.

Algumas IES tiveram mais tempo (mais infraestrutura, mais recursos) outras menos para se adaptar a essa nova realidade. Na IES objeto deste relato, as aulas remotas tiveram início em de 26 de março de 2020.

¹ Docente do Centro Universitário Fanor (UNIFANOR) - raquelfbarretto@gmail.com



METODOLOGIA

Trata-se de um relato da experiência com o ensino remoto da disciplina de ciências humanas e sociais, em 2020.1, do curso de odontologia de uma IES privada de Fortaleza.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Entre o período de 17 e 25 de março, houve intenso treinamento (remoto) com os docentes acerca da plataforma que seria empregada (zoom) para as aulas remotas. Fora o sentimento de incerteza, de angústia, mesmo após muitos/longos e exaustivos treinamentos, não se sabia exatamente o que esperar, do ponto de vista pedagógico, de 2020.1.

Na primeira semana de aulas remotas, os problemas de infraestrutura dos alunos ficaram muito evidentes. Os alunos da IES privada objeto deste relato são, em sua maioria, das classes menos abastadas da sociedade. Os alunos demonstraram que, apesar de pertencerem à geração Y, não tinham tanto domínio assim sobre as ferramentas tecnológicas. (CARDOSO, 2013)

Os professores também tiveram que se apropriar de outros recursos tecnológicos com os quais nem sempre estavam familiarizados. Mas, há de se reconhecer que muitos dos docentes são da geração X, tiveram uma formação marcada pelo ensino presencial/tradicional e por processos avaliativos somativos. E, há de se reconhecer que, a migração do ensino presencial para o remoto emergencial exigiria também mudanças no planejamento das aulas, dos processos avaliativos etc. Na prática, não foi bem isso o que aconteceu. Mudanças dessa natureza (de planejamento, de processo avaliativo, de metodologias de ensino) exigem formação pedagógica, estudo e preparo.

Após o impacto inicial da migração da aula presencial para a aula remota houve o período normal de adaptação à ferramenta (zoom) e seus recursos. Os treinamentos prévios recebidos pelos docentes foram úteis, mas apenas quando começaram “para valer” as aulas é que as dúvidas (de alunos e professores) surgem. Até aí, tudo normal.



Na IES objeto deste relato, a disciplina de ciência humanas e sociais apresentava-se como uma disciplina obrigatória, 1 semestre, curso de odontologia. Os encontros eram na quarta-feira de manhã, no horário de 7:50h até 11:35h. Se presencial essa carga horária de aulas consecutivas já era questionável; no ensino remoto emergencial tornou-se extenuante, para alunos e professores.

Nos primeiros encontros remotos, os alunos chegavam no horário, deixavam as câmeras ligadas e interagem mais. Com o passar do tempo, a frequência no início da aula começou a diminuir, as câmeras passavam a maior parte da aula (ou o tempo todo dela) desligadas e a interação também diminuía.

O ensino remoto emergencial evidenciou ainda outro ponto muito importante: o protagonismo do aluno (MORAN, 2000, p. 23). Sabe-se também que autonomia não é uma competência que o discente adquira de uma hora para outra, conforme Santos (2015).

O docente empregou, ao longo do semestre, diferentes estratégias pedagógicas: convidou palestrantes “externos”, promoveu debate a partir da leitura de artigo científico anteriormente escolhido e compartilhado com a turma, realizou exercícios (sem fins de nota) em grupos, individuais, propôs filmes, músicas.

A impressão (confirmada muitas vezes pelos alunos em conversas informais) é que eles estavam desmotivados, cansados. Além disso, a disciplina exigia conhecimentos prévios de história, geografia e competências comunicativas (leitura, interpretação, escrita e oralidade) que muitos alunos não tinham/têm. Some-se a tudo isso o fato de que no mesmo semestre os alunos tinham aulas de anatomia, epidemiologia, ou seja, disciplinas novas e que “tinham mais a ver com o curso de odontologia”.

As avaliações, na disciplina de CHS, foram múltiplas: resolução que questões discursivas do ENADE, fichamento de artigos científicos, resenha de filmes, autoavaliação. As atividades foram feitas pelos discentes em casa, de forma individual e também através de propostas em grupo. O professor percebeu que, embora as notas da disciplina fossem elevadas/boas, o estudo dos alunos para as avaliações foi “*pro-forme*”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência acima relata nos propõe profundas reflexões: acerca da avaliação que o docente faz sobre sua prática mediada pelas tecnologias digitais; das estratégias empregadas; do tipo de apropriação que se fez/faz das tecnologias.

As aulas remotas foram/são apenas um dos muitos desafios que os professores do ensino superior privado enfrentam (FARIAS e CARVALHO, 2016). Por mais que o relato acima não tenha necessariamente apontado apenas os aspectos positivos, considera-se necessário que o docente reflita (PERRENOU, 1990) sobre sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Janaina da Silva. **PROFESSORES GERAÇÃO Y: MUDANÇA DE PERFIL NÃO GARANTE USO MAIS EFICAZ DE NOVAS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL**. 2013. Disponível em: [periodicos.ufes.br › contextoslinguisticos › article › view](http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view). Acesso em: 19 ago. 2020

CEARÁ. **Decreto Nº33.510, de 16 de março de 2020**. Disponível em: <http://imagens.seplag.ce.gov.br/PDF/20200316/do20200316p01.pdf>. Acesso em 19 ago. 2020.

FARIAS, CYNTHIA MOURA LOUZADA; CARVALHO, RAQUEL BARONI DE. **Ensino Superior: a geração Y e os processos de aprendizagem**. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uem.br>. Acesso em 19 ago. 2020.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000

PERRENOUD, *Philippe*. **Formar professores em contextos sociais em mudança: Prática reflexiva e participação crítica**. 1999. Disponível em : https://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_34.html. Acesso em: 05 set. 2020